

O DESPROPÓSITO E A IMAGINAÇÃO INFANTIL COMO MATÉRIA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Roseane Maria FERREIRA¹

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Ilustrações e bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávía Dumont sobre os desenhos de Demóstenes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Será que os absurdos não são as maiores
virtudes da poesia?

Será que os despropósitos não são mais
carregados de poesia do que o bom senso?

Manoel de Barros

Um lançamento recente veio enriquecer a produção poética infanto-juvenil: *Exercícios de ser criança*, de Manoel de Barros. O mercado editorial brasileiro lança um número reduzido de obras poéticas para esse público, como se o universo da poesia, com suas rimas, ritmos, sonoridade, ressonâncias, não tocassem como melodia ou como jogos sonoros na sensibilidade das crianças. Apresentar essa obra e seu autor ao meio acadêmico é um dever de quem lida com as letras e, principalmente, de quem trabalha com a Literatura para crianças e jovens, pois o poeta é um grande representante da poesia brasileira.

Manoel de Barros - o "poeta mato-grossense" ou o "poeta do Pantanal" como vem sendo conhecido - tem oitenta e cinco anos e uma produção desde 1937, ano de seu livro de estréia, *Poemas concebidos sem pecados*. De lá para cá são várias obras publicadas: *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *Livro de pré-coisas* (1985), *O guardador de águas* (1989), *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), *Livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre o nada* (1996), *Retrato do artista quando coisa* (1998), *Exercícios de ser criança* (1999) e *Ensaios fotográficos* (2000). Embora o poeta tenha sido descoberto nos meios acadêmicos só na década de oitenta, ele já está sendo reconhecido pela crítica brasileira como um "dos poucos poetas brasileiros com voz e estilos próprios",

¹ Mestranda em Estudos Literários - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Araraquara.

conforme opinião de José Geraldo Couto³ e "uma das três vozes mestras da literatura brasileira", segundo avaliação de Sérgio R. Sossélla. Ao comentar a criação poética de Manuel de Barros, Sossélla, associa o universo do sujeito lírico ao mundo da criança: "As imagens inusitadas se alimentam da linguagem da criança e do linguajar dos simples, plenas de grafismos, de referências literárias e plásticas, colusões, sinestésias e neologismos, como se estivessem passando o mundo a limpo"⁴.

Exercícios de ser criança, diferente de outras obras do autor, é escrita para um público infantil ou para aqueles que não perderam a magia de ser criança. O universo infantil, com sua ingenuidade, peraltagens, ilogicidade e despropósitos, é resgatado pelo poeta com sensibilidade e lirismo. A imaginação da criança, perdida no decorrer dos anos com o ingresso da maturidade, é a mesma do poeta, que busca desconstruir o conhecido, o habitual e criar um universo particular, insólito, por meio das palavras. Os despropósitos e a imaginação infantil são os temas dessa obra e, ao mesmo tempo, são a matéria poética do autor.

A obra apresenta poemas narrativos que contam duas histórias: "O menino que carregava água na peneira" e "A menina avoadada". Como introdução a essas histórias, há um poema que trata do absurdo e dos despropósitos como matéria própria da poesia. Dele foram tirados os versos utilizados como epígrafe, nesta resenha. Além de propiciar um horizonte de expectativa das histórias que virão, essa temática, permite ao poeta trabalhar a matéria poética da obra. A principal característica apontada por Frederico Barbosa no fazer poético de Manuel de Barros - a busca de "formulações novas e engenhosas"⁵ -, que sempre esteve presente em toda a sua produção, também é verifica neste livro endereçado ao público infantil.

A primeira história - "O menino que carregava água na peneira" - é um poema narrativo, no qual um menino-poeta conta a história de um menino que "era ligado em despropósitos", como "carregar água na peneira". Esse menino era "cismado e esquisito", gostava de "montar alicerces de uma casa em orvalhos" e gostava mais "do vazio do que do cheio". Além do menino, na história, verifica-se a presença da figura materna, mostrada com ternura. É ela quem questiona seus atos de despropósito, criando, ao mesmo tempo, outros despropósitos: "A mãe disse/ que carregar água na peneira/ Era o mesmo que roubar um vento e sair/ correndo com ele para mostrar aos irmãos./ A mãe disse que era o mesmo que/ catar espinhos na água/ O mesmo que criar peixes no bolso." A presença materna é muito importante para os despropósitos do menino, pois ela, como pudemos observar, servindo-se da comparação como

Entrevista com Manuel de Barros. *Folha de S. Paulo*, p. 6-9, 14 nov. 1993.

As outras duas seriam de Raul Bopp, autor de *Cobra Norato*, e Guimarães Rosa. Segundo Sérgio Rubens Sossélla. *Nicolau*, Curitiba, ano 5, n. 40, p. 7, ago.-set. 1991.

Idem.

Segundo Frederico Barbosa, no artigo "Poeta elabora a gramática das coisas inúteis".

recurso estilístico para apontar os despropósitos do personagem, também cria uma série de outros despropósitos, reafirmando e apoiando as aventuras insólitas da criança. Além disso, é ela quem constata o seu destino, no final da história: "Meu filho você vai ser poeta./ Você vai carregar água na peneira a vida toda./ Você vai encher os/ vazios com as suas/ peraltagens / E algumas pessoas/ vão te amar por seus/ despropósitos". Como se trata de um poema narrativo, além dos personagens, avulta a presença do tempo. Foi o tempo que mostrou ao menino que "carregar água na peneira" era o mesmo que "escrever", descobrindo que usar as palavras era o mesmo que fazer peraltagens e continuar com seus despropósitos, como fazer "pedra dar flor". É importante observar que o menino-poeta representa um criança ativa, capaz de criar mundos, de conceber imagens diferentes de outros meninos, que usa sua liberdade para ser o que deseja: "No escrever o menino viu/ que era capaz de ser/ noviça, monge ou mendigo/ ao mesmo tempo". Ou seja, essa criança representa um ser construtor e modificador da realidade que o cerca. Tal concepção de personagem, que perpassa o poema todo, está de acordo com o ideal de muitos teóricos que estudam o lugar e o papel da criança, no mundo massificado de hoje. Todos que se dedicam a estudar essa criança sonham que elas possam manter-se criativas e engenhosas, preservando características próprias do universo infantil. E que não venham a ser tolhidas pela escola e pela sociedade, tal como, quase sempre se verifica em nossa sociedade.

"O menino que carregava água na peneira" é, na verdade, um poema metalingüístico, que revela o despropósito e o absurdo como matéria-prima da poesia e revela a concepção de poesia como "um refazer, um transfazer o mundo"⁶. Esse menino-poeta da história pode representar o próprio Manoel de Barros ou o poeta infantil que ainda subsiste nos "criadores de mundo".

A segunda história - "A menina avoadada" é um poema narrativo que tematiza a imaginação infantil, o universo fabular das crianças. Esse imaginário é percebido nas brincadeiras de duas crianças: uma menina de dois anos e seu irmão, de sete. Eles brincam de viajar até a cidade e de atravessar rios com um carro feito pelo irmão com um caixote e duas latas de goiabada. Dessa forma, buscam conhecer o novo, o desconhecido, sair dos limites que cercam a fazenda dos pais. O menino queria encontrar-se com sua namorada (também imaginária) que "diz-que dava febre em seu corpo". Assim, eles vivem no limiar entre dois mundos - o real e o ficcional:

"Meu irmão puxava o caixote
por uma corda de embira.
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.
Eu comandava os bois:

⁶ Entrevista já citada. *Folha de S. Paulo*, p. 6-9, 14 nov. 1993.

- Puxa, Maravilha!
- Avança, Redomão!"

Um outro exemplo, mostra esse limiar:

No caminho, antes, a gente precisava
de atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
e os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.

Não só o real e o imaginário infantil caminham juntos. Os próprios limites da ficção acabam desafiados, como evidenciada por esse verso: "Sempre a gente só chegava no fim do quintal". A imaginação e a criação de mundos, temáticas da obra, são elementos também característicos do universo poético. Tal como a primeira história, que tratava dos despropósitos como criação poética, há nesse poema uma relação da ingenuidade, da criação fabular do universo infantil com a poesia, não só como matéria poética, mas como estilo poético. De fato, Manoel de Barros julga-se um "criador de mundos", acreditando que um poeta deve adquirir "olhar infantil", a fim de resgatar a imaginação das crianças. Tal como o poeta, esta também cria mundos, constrói sonhos e busca o novo. Para isso, porém, ambos - poeta e criança - precisam, como afirma o autor, na entrevista já citada, à *Folha de S. Paulo*, "desaprender um pouco o que aprendeu. Desaprender umas oito horas por dia para chegar a adquirir um novo olho, digamos, um olho infantil, para olhar o mundo como se fosse a primeira vez".

Exercícios de ser criança tem seu valor na produção poética infantil brasileira por extrair das palavras o que há de lírico, sensível, imagético - como no verso "As cigarras derretiam a tarde com seus cantos"-, encantando pela beleza do trabalho com a linguagem. Neste livro, porém, o autor supera o encantamento ao apoiar-se num outro tipo de linguagem: a visual, que veio não só enriquecer o texto verbal, mas construir uma arte própria, independente. Feitas com base em bordados, as imagens primam pela leveza, tendo um papel fundamental na construção de uma sensibilidade artística afinada com um mundo de despropósitos, de imaginação e de arte.

• • •